

JENNIFER MAESE estremeceu enquanto o sol do deserto se escondia atrás dos recortados cumes no lado oeste. Um vento frio varria a ponte no Tahquitz Canyon. «É melhor a gente voltar», disse a jovem de 22 anos à sua companheira de marcha, Jennifer Staten.

Esta, um ano mais velha e muito mais alta, anuiu com a cabeça. Ambas, porém, protelaram o retorno, fascinadas com o panorama. Estavam debruçadas numa pequena laje de pedra sobre o leito do rio, 50 m abaixo. De cima, ele parecia uma delicada fita prateada, cintilando entre as escabrosas vertentes do desfiladeiro. Dificilmente parecia possível que Palm Springs, na Califórnia, a esplêndida cidade do deserto onde ambas viviam, estivesse a menos de 1500 m dali.

Jennifer Maese fechou os olhos e inspirou fundo. Tinha sido uma perfeita tarde de domingo. Nessa manhã, ela convencera Jennifer Staten a dar uma caminhada pelo Tah-

quitz Canyon. Queria mostrar à amiga as espetaculares quedas-d'água e as escarpas graníticas. O sol do deserto estava quente nesse dia de fevereiro de 1994, de forma que as duas só vestiam *short* e camiseta. Puseram frutas e uma garrafa de água na mochila de Jennifer Staten e partiram.

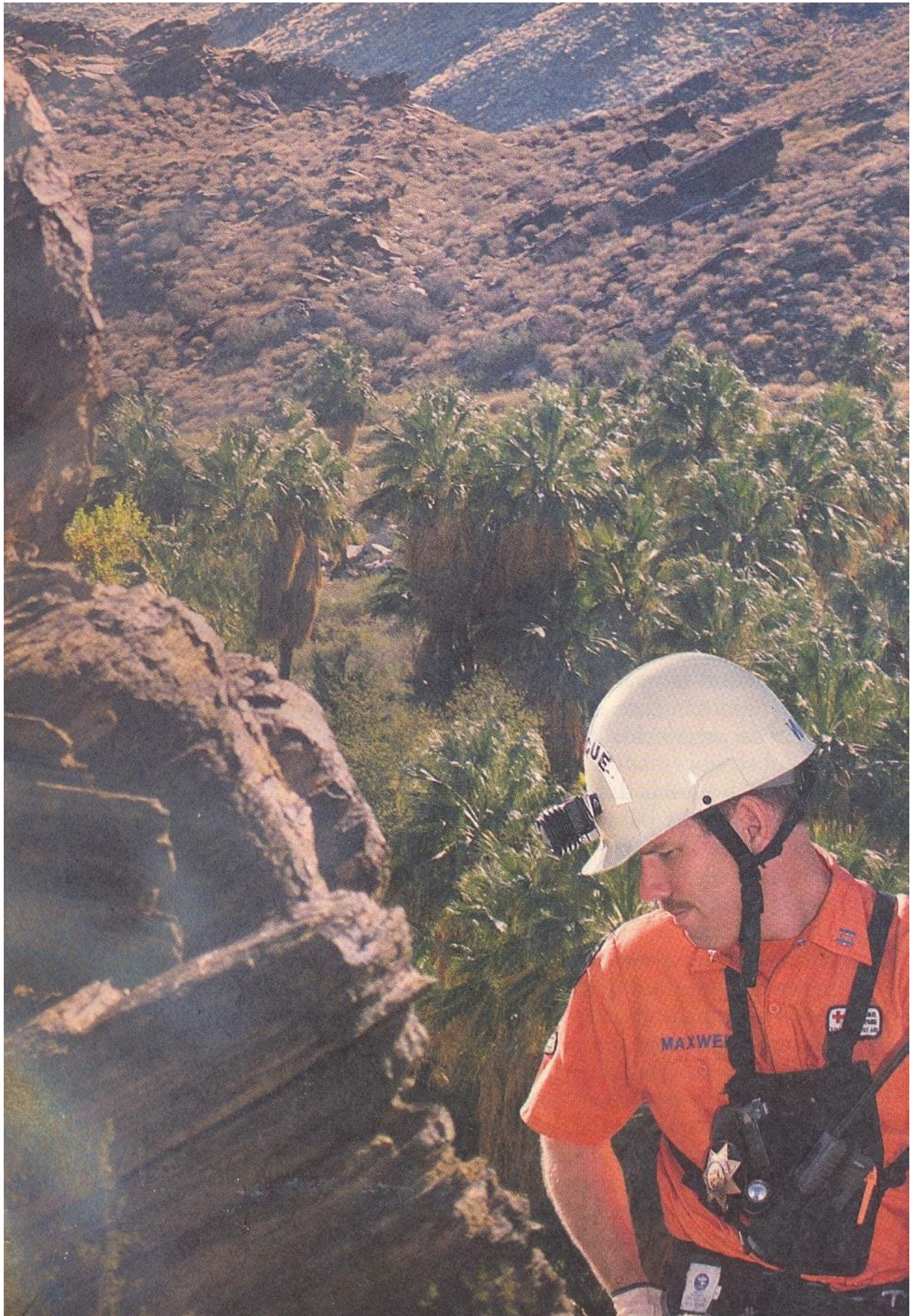
Durante o caminho, falaram do futuro com alguma excitação. Ambas estavam economizando dinheiro para ingressar na universidade. Jennifer Staten queria ser *chef* de cozinha e Jennifer Maese pensava numa carreira de fisioterapeuta. Cada uma apreciava a natureza contrastante da outra. Jennifer Staten era loura e algo tímida. A Maese era uma morena de vivacidade notória e personalidade extrovertida.

Depois de uma parada na cachoeira que ficava mais abaixo, as duas escalaram o íngreme atalho para o estreito caminho que dava acesso ao precipício sobre o rio Tahquitz. Nenhuma delas sabia que re-

Acidente em Tahquitz Canyon

**Horrorizada, a caminheira viu sua
amiga despencar vertiginosamente
sobre as pedras lá embaixo.**

MICHAEL BOWKER



centes chuvas fortes tinham deteriorado parte do caminho. Era já fim de tarde quando atingiram aquela aba de terreno.

Depois de apreciarem a vista espetacular por um bom bocado, Jennifer Staten foi andando pelo caminho que dava no rio. Mas a meio da descida, de repente, começou a chorar, assustada. As pedras sob seus pés cederam e Jennifer Maese viu, horrorizada, a amiga despencar no fundo do desfiladeiro.

«Tenho de ajudar», pensou ela em pânico. Gritou em direção ao corpo que se chocara com as pedras lá embaixo, mas não obteve resposta. Ignorando o perigo óbvio, começou ela mesma a descer o desfiladeiro. Pouco depois, escorregou e perdeu o equilíbrio. Pedras caíam à sua volta, enquanto também ela despencava vertiginosamente em direção ao fundo do precipício.

A 1 KM e pouco dali, rio abaixo, cinco meninos passeavam. Assim que a areia começou a se levantar, dois deles resolveram voltar para casa. Os outros três se dirigiram para a cachoeira menor, planejando acampar ali durante a noite. Iam gazetear na manhã seguinte (e não era a primeira vez). Suas vozes e risos abafavam qualquer som, inclusive o barulho das quedas, de 25 m de altura.

FOI A mochila de Jennifer Staten o que provavelmente salvou-lhe a vida. Funcionou como um colchão, quando ela despencou do desfiladeiro, aterrissando de costas. Suas

pernas estavam escalavradas e sangravam. Olhando para cima, ela soltou um hausto de horror ao ver Jennifer Maese cair como uma pedra, bater violentamente na parede de pedra e atingir a chão com uma terrível pancada a 1 m dali.

Rastejou até o corpo ferido dela, que jazia de costas e com as pernas dobradas num ângulo horrível, com as rótulas mal se tocando. Havia sangue por toda parte. Procurando a mão da amiga, Jennifer Staten não encontrava sua pulsação. «Oh, meu Deus», chorou, «por favor não a deixe morrer!»

Os olhos de Jennifer Maese estavam mortiços. Ela tentou falar, mas foi dominada pela dor. Sua cabeça e costas pareciam em fogo. «Não consigo mexer as pernas», percebeu.

Jennifer Staten tinha medo que sua amiga morresse sem assistência médica. «Tenho de ir procurar ajuda», pensou, desesperada.

Esperava que sua voz não a traísse, demonstrando o medo que sentia, mas reparou na diminuta importância do fato, pois Jennifer Maese estava inconsciente.

Ao procurar se levantar, deu-se conta do quanto se tinha ferido. Na queda, havia fraturado um osso no pescoço, e uma dor aguda descia por sua espinha a cada passo que dava. Tentou não olhar para o rasgão de uns 10 cm que tinha na perna, enquanto cambaleava em direção à vegetação rasteira. Seguiu depois para o rio, sabendo que este a levaria para fora do desfiladeiro. Quando chegou lá, encontrou uma vegetação

submersa tão densa que foi obrigada a caminhar até o meio da torrente, ficando com a água pelos quadris.

Depois de quase uma hora, chegou a um enorme matacão de formas arredondadas. Na noite escura como breu, não conseguiu encontrar o caminho em torno dele. Começou então a escalar a pedra. Sete metros acima, perdeu o pé e escorregou de novo para o rio.

Atordoada pela dor intensa, ficou na água, até que o frio lhe anestesiasse os ferimentos. Depois, rastejou até uma saliência da pedra próxima e tentou se levantar. O rasgão na perna sangrava muito agora. Febril, tirou o sutiã e fez um garrote, que envolvia a perna, apertando por cima da ferida. Mesmo assim, não conseguia andar.

«Meu Deus, deixe a Jennifer viver», rezou, juntando folhas e arbustos para fazer uma cobertura. «E me dê forças para encontrar ajuda.»

UNS 800 m rio acima, Jennifer Mae-se continuava entrando e saindo da inconsciência. Perdera muito sangue e ia ficando mais fraca a cada hora. Durante os momentos de lucidez, tentava manter-se calma, mas a dor era um tormento.

As lágrimas caíam-lhe pelo rosto quando pensava se algum dia poderia voltar a abraçar os filhos. «Será que a Jennifer Staten conseguiu sair do desfiladeiro?» Só podia ter esperança e rezar.

CHRIS Maxwell, um empreiteiro de Palm Springs de 37 anos de idade,

estava em seu escritório, na segunda-feira depois do almoço, quando o grupo de emergências ligou para ele. «Uma mulher diz que seu filho está desaparecido no Tahquitz Canyon», disse uma voz do outro lado da linha. Maxwell era o coordenador da equipe de voluntários de busca da Polícia Montada de Busca e Salvamento de Palm Springs. Imediatamente pegou seu equipamento de montanhismo e um estojo de primeiros socorros.

Para os socorristas, o Tahquitz Canyon quase sempre significava problemas. Caminheiros, atraídos pela beleza do fundo do desfiladeiro, são gente não raro mal preparada para escalar aqueles traiçoeiros penhascos. Durante anos, o Maxwell resgatara os corpos de perto de uma dúzia de caminheiros vítimas de quedas fatais.

Quando ele chegou lá, sabia que três meninos tinham sido dados como desaparecidos — todos já conhecidos da polícia como gazeteiros. Maxwell relaxou. Um desaparecido era uma preocupação, mas três... Provavelmente nem estavam na área. E de fato, eles haviam saído do desfiladeiro no início dessa manhã.

Enquanto ele interrogava os dois que tinham vindo embora no dia anterior, chegou o socorrista voluntário John Hathaway. Os dois trabalhavam em equipe há sete anos. Respeitavam a perfeição um do outro e muitas vezes brincavam sobre qual deles era o mais fanático por detalhes. Enquanto outros so-

corristas davam uma busca na saída do desfiladeiro, Maxwell e Hathaway começaram a árdua escalada até o topo da escarpa. Parecia pouco provável que os meninos tivessem feito a subida até o cume do atalho, mas era preciso verificar.

Absorvido em seus pensamentos, Maxwell saltou de susto quando Hathaway gritou para o fundo do desfiladeiro «Olá!». Mas momentos depois, ouviu algo que o espantou ainda mais.

Às 3.50 da tarde, a perna de Jennifer Staten parara de sangrar, mas a dor nas costas e no pescoço tinha aumentado. Em breve, estaria escuro demais para os socorristas a descobrirem, e ela tinha dúvidas de que a amiga e ela própria conseguissem sobreviver outra noite — isto, se a outra ainda estivesse viva. Assustada demais para chorar, deitou-se numa pedra mais lisa e começou a rezar.

Neste momento, o som de uma voz humana ecoou pelo desfiladeiro. «Socorro!», respondeu Jennifer Staten o mais alto que pôde. «E se ninguém puder me ouvir devido ao som das águas?», temeu ela.

A uns 170 m dali, lá em cima, Maxwell e Hathaway olharam um para o outro pasmados. «Há alguém lá embaixo!» Para se aproximarem, os dois começaram uma perigosa descida até a laje de pedra 100 m acima de onde estava Jennifer Staten.

Ela esperou, desesperada, mas não ouvia mais nada. Foi então que uma voz gritou. «Qual é o seu nome?»

«Jennifer!», respondeu ela gritando. «Pode me ajudar?»

Por um segundo, Maxwell e Hathaway não quiseram acreditar. Tinham partido do pressuposto de que a voz pertencia a um dos meninos sumidos. Perceberam então que, se eles não tivessem subido até o cume do atalho, nunca teriam encontrado essa mulher. E se Hathaway não tivesse gritado, não a teriam ouvido.

Maxwell perguntou-lhe se estava sozinha.

«Estou com uma amiga», respondeu a Jennifer Staten. «Acho que morreu.»

Maxwell falou pelo rádio com o posto de comando. «Precisamos de um helicóptero e de uma equipe de salvamento aqui imediatamente.» Enquanto Hathaway se posicionava no patamar de pedra para indicar a posição ao piloto, Maxwell desceu pelo atalho do desfiladeiro. Era difícil ouvir Jennifer Staten no fundo daquele precipício, e eles por erro pensaram que as duas mulheres estivessem juntas lá no fundo. «Se eu conseguir descer até aquela área antes de escurecer, posso chegar até elas», disse Maxwell, referindo-se ao caminho de pedras na parte contrária do desfiladeiro que dava um acesso mais fácil.

Às 4 DA tarde, Jennifer Maese despertou com o frio, entrando na primeira fase de hipotermia. Deitou-se de costas, vendo as sombras cobrirem o precipício onde tinham caído 24 horas antes. Mas, de repen-

te, ouviu um ruído. Um homem saiu da vegetação e parou junto dela.

«Oi», disse ela para Maxwell, tentando deter as lágrimas de alívio.

COM A turbulência provocada pelo remoinho do helicóptero que

transportava Jennifer Maese para um local seguro, Maxwell apressou-se a alcançar Jennifer Staten. Esperava que o incrível acaso de sorte à volta deste salvamento ainda continuasse. Enquanto Maxwell a embrulhava num cobertor que trazia em sua mochila, percebeu que, se não tivesse topado com Jennifer Maese, ela não poderia ter sido descoberta até a amanhã seguinte e era pro-

vável que não sobrevivesse àquela noite. Ken Piner, o enfermeiro do helicóptero da equipe de salvamento, confirmou que sua pressão sanguínea estava perigosamente baixa.

Meia hora depois, Maxwell ouviu o helicóptero voltar. Acendendo sua lanterna elétrica para indicar um ponto de referência fixo, ele falou via rádio com o piloto, Steve de Jesus, perguntando: «Como estou me saindo?»

«Nada bem», respondeu De Jesus. «Você nem chegou a meio caminho do local onde está a mulher.

Fique aí onde está, que vou voltar para buscá-lo.»

Depois, pousou numa pequena clareira e Maxwell subiu a bordo. Voaram então em direção à borda do desfiladeiro. Ali, uma segunda equipe foi ao encontro de Maxwell

com uma corda de *rappel* de 100 m e equipamento de montanhismo.

Tinham passado duas horas desde que Jennifer Staten ouvira as vozes. Ela estava quase entrando em pânico quando ouviu o ruído de um fragmento de pedra cair da parede. Maxwell, que desceu num *rappel* até o fundo da encosta em grandes saltos, de repente estava a seu lado.

«Em toda a minha vida, nunca me senti tão aliviada por ver alguém», exclamou Jennifer. Ficou ainda mais feliz quando descobriu que Jennifer Maese estava viva.

Maxwell colocou-lhe com todo o cuidado um colar de emergência em volta de seu pescoço machucado. «Para nós, só há um jeito de sair daqui», disse ele. «Fazer de novo a escalada. Você consegue?»

Jennifer Staten anuiu com a cabeça. Maxwell pôs-lhe um arreo de montanhismo, depois embrulhou-a numa manta, passou-lhe a corda em



Jennifer Staten (em cima)
e Jennifer Maese

torno das pernas e prendeu-a à mesma. Vestiu depois um arreio idêntico e prendeu-se 1 m abaixo dela. No alto do desfiladeiro, Hathaway passou a outra extremidade do cabo à volta de uma grande pedra, e os voluntários começaram a puxar.

Como a vertente do desfiladeiro era ligeiramente inclinada para dentro, Jennifer Staten e Maxwell tiveram de «caminhar» o caminho todo pela parede. Os primeiros 70 m demoraram mais de uma hora. À Jennifer Staten parecia uma eternidade. A dor em sua perna era quase insuportável. Assim que Maxwell percebeu que ela pensava em desistir, disse-lhe: «Você tem de continuar. Jennifer Staten precisa de você.»

No fim de quase duas horas, estavam a 25m do alto. De repente, a corda emperrou. Com Jennifer Staten olhando apavorada, Maxwell subiu pelo cabo, passando por ela para ver o que era. Um nó da corda se tinha prendido a uma fenda. Ele não conseguiu desatá-lo.

«Vocês vão ter que puxar», avisou Maxwell pelo rádio aos socorristas, bem por cima deles.

«Tudo bem. Agarrem-se», foi a resposta.

Os dois ficaram suspensos, no silêncio da noite, a 75 m do solo. De repente, sem qualquer aviso, o nó se desfez e eles sentiram um violento

puxão para cima, em direção ao céu estrelado. «Agüenta firme!», gritou Maxwell, enquanto ambos eram atirados de encontro à parede. A seguir, começaram a cair para trás, enquanto a corda afrouxava. Jennifer Staten gritou quando ela, tendida, deu um solavanco e depois parou.

«Estamos bem!», avisou Maxwell pelo rádio.

Minutos depois, os socorristas agarraram Jennifer Staten, esticando-lhes os braços, enquanto ela era erguida da beira do precipício para dentro do helicóptero de De Jesus. Exausto, Maxwell viu o aparelho levantar vôo para o Desert Hospital de Palm Springs. Seu amigo Hathaway veio ter com ele, sorrindo. Os dois homens tinham o mesmo pensamento: nessa noite, o destino jogara uma cartada complicada, mas generosa.

Jennifer Staten foi tratada de uma fratura na vértebra do pescoço e o ferimento da perna levou 34 pontos. Exceto por uma ou outra rigidez ocasional, recuperou-se completamente. Os males de Jennifer Maese foram mais graves. Ela ficou parálitica da cintura para baixo.

«Deitada naquelas pedras, pensei que nunca mais voltaria a ver meus filhos», confessou ela. «Foi necessário nada menos que um milagre.»

FOTOS: BOB GAINES/VERTICAL ADVENTURES

UM ESTUDANTE reprovado enviou ao pai o seguinte telegrama: «Exame magnífico. Professores entusiasmados querem que repita.»

— Cruzada Eucarística, Portugal